

EVERY STORY HAS A BEGINNING.

INITIUM

A woman in a white dress is floating in a dark space, surrounded by vibrant, ethereal smoke in shades of red, purple, and blue. The scene is illuminated by a soft, glowing light source, creating a dreamlike atmosphere.

COURTNEY COLE

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

INITIUM

Uma novela Nocte Trilogy (2.5)

Toda história tem um começo.

Initium

Latim:

Substantivo; começo

Nota do Autor

Caro leitor,

Na vida, frequentemente, as coisas não são o que parecem, e seguramente, às vezes os enredos não são.

O músico/compositor Andrew Bird provavelmente resumiu da melhor forma: — *As palavras têm a capacidade de enganar. Elas são todas cheias de subtexto, e algumas delas são clichês e usadas em demasia e em vernáculo. Elas são traiçoeiras. Tudo o que posso dizer é que palavras são traiçoeiras.*

As palavras são traiçoeiras. A *vida* é traiçoeira. Talvez até *eu seja* traiçoeira.

A série Nocte está quase no fim, a história está quase terminada. Mas antes do final, antes que tudo seja revelado, você precisa de mais história, um vislumbre, uma ligeira espiada por trás da cortina.

É isso que é.

Um vislumbre.

Uma dica.

Preste atenção.

As palavras são traiçoeiras.

Prólogo

Eu nunca soube quais seriam as consequências.

Eu digo isso como se fosse uma defesa, uma desculpa.

Não é. É simplesmente a verdade.

Eu nunca soube o que ele se tornaria para mim.

Através de tudo, *ele* se tornou tudo.

Minha rocha, meu ar, meu amor.

Meu tudo.

E depois...

As coisas mudaram.

Porque estava errado.

Porque às vezes, nossos filhos devem pagar pelos pecados de seus pais.

Ou suas mães.

Temo estar perdida,

estar amaldiçoada.

Depois de ler isso, você, provavelmente, concordará.

Realmente, isso não importa.

Tudo o que importa é que eu o salve.

Porque ele não deve pagar pelo meu pecado.

Julgue-me, se quiser.

Mas continue lendo.

Este é o nosso começo.

É onde a escuridão *verdadeiramente* começa.

Capítulo Um

Sussex, Inglaterra

21 anos atrás

Eu senti o cheiro do ar limpo inglês quando saí do café, fazendo uma pausa de um minuto para deixar a rara luz do sol banhar meu rosto, aquecendo-o. Quando eu faço isso, olho por cima do ombro tão discretamente quanto posso.

Ele sorri para mim.

Ele.

Phillip DuBray ainda está sentado à nossa mesa, esperando alguns minutos antes de se levantar para sair em suas calças pretas slim sob medida e camisa escura de gola alta. Seu sorriso aparece no sol e calor pulsa através de mim, correndo para todos os meus cantos, e Deus, como tive tanta sorte em conhecê-lo?

Eu vivo cada dia para ver o sorriso dele, para ouvir as palavras suaves que ele murmura em seu sotaque exótico, conforme seu hálito faz cócegas no meu pescoço, seus dedos enterrados no meu cabelo. Eu tenho a sensação de não poder respirar, a menos que esteja com ele.

Mas o destino tem um péssimo senso de humor.

Estou prometida a outra pessoa, e minha palavra deve ser a minha obrigação.

Um nó forma na minha garganta quando me afasto apressada do café, da cidade, de Phillip, e eu corro de volta para a minha vida real. À medida que desço pela rua, posso ouvir os sussurros quando as pessoas olham para mim.

Uma história de Cinderela.

Da pobreza para a riqueza, sabe.

Ela é a garota viva mais afortunada.

Eu quase engasguei com essa.

Afortunada? Se soubessem a verdade, eles realmente pensariam que eu tenho tanta sorte?

Eu caminhei ligeiramente na estrada para Whitley, a enorme propriedade do lado de fora da cidade. Acres de muros a cercam com névoa saindo do solo como se fossem dedos acenando para mim.

Venha para casa, parece dizer.

Só que Whitley não é a minha casa. Na verdade, não.

É a minha prisão.

Mas o desespero gera obediência, e eu *obedientemente* faço o meu caminho através dos portões e ao longo do pavimento até eu chegar às portas de madeira maciça. Eu só paro por um momento, para respirar profundamente o ar úmido e fresco, e então eu desapareço para dentro.

Eu tento ficar próxima aos corredores exteriores para que eu possa passar para o meu quarto sem ser notada, mas é claro que meus esforços falham.

Eleanor Savage esbarra em mim. Vestida de preto austero, com os cabelos em um coque sério na nuca, ela é o retrato de uma matrona tirânica.

A maçã nunca cai longe da árvore.

— Olivia. — Eleanor me cumprimenta com um único aceno de cabeça.

— Eleanor. — eu respondo, e eu não consigo evitar que as palmas das minhas mãos fiquem suadas. Ela olha para mim, um ligeiro toque de humor em seus olhos de aço. Ela se diverte intimidando todos.

— Você esteve fora?

A resposta é óbvia, uma vez que meus pés estão molhados, e eu aceno.

— Sim, eu estive um pouco na cidade.

Sua boca fica cerrada em desaprovação. — Richard esteve procurando você.

Uma onda de pavor me inunda com o simples pensamento do meu noivo.

Pálido, com olhos gelados e as mãos frias. A única coisa mais fria é o seu coração.

Sua amargura pulsa em suas veias e gela o sangue dele com a infelicidade.

— Muito bem. — eu digo a Eleanor. — Eu vou encontrá-lo.

Viro-me e vou em direção à ala de Richard, a ala que eu vou ter que compartilhar com ele quando nos casarmos. Preciso forçar meus pés a se moverem porque eles realmente não querem me levar nem mesmo um passo para mais perto dele. Mas antes que eu perceba, eu estou de pé na frente da sua porta, e bato com uma mão fria, fria.

Ele responde com uma voz ainda mais fria.

— Entre.

Meu coração está pesado quando me aproximo dele, e quando ele se vira para mim, eu tenho que me forçar para encontrar seu olhar.

— Olivia. — ele diz secamente, sem me dispensar sequer um simples olhar. Acho que isso pode ser o que eu mais odeio nele. Ele

age como se eu fosse tão insignificante, como se eu não importasse. Ele não pode perder um segundo para olhar para mim.

Eu espero, e ele continua, o tempo todo reorganizando as gravatas no seu armário.

— O que você acha dessa? — ele levanta uma verde estampada. Eu odeio, então concordo com a cabeça.

— É perfeita.

— Eu também acho. — ele a coloca sob seu colarinho e aproxima de mim. — Dê um nó, por favor.

Meus dedos fazem o nó e ele examina minha obra no espelho.

— Um pouco torto, mas vai servir.

É claro que ele diria isso. O nó está perfeito, mas ele nunca reconhecerá algo bom em alguém. Não é o jeito dele, nem da sua mãe.

Ele finalmente olha para mim por um breve momento.

— Você está molhada. Você saiu?

Eu aceno, e eu me sinto como um rato manso, esperando punição.

Seu rosto fecha, mas ele se contém. — Por quê?

— Eu precisava de uma caminhada. — eu ofereço.

Richard revira os olhos. — Então, ande por estas terras. Deus sabe que temos muita. Não há necessidade de caminhar para a cidade, Olivia.

Claro que não. Eu devo ser mantida isolada aqui, longe das pessoas normais.

Concordo com a cabeça uma vez, porque isso é tudo o que consigo fazer.

— Nós vamos nos casar em breve. — acrescenta sobre seu ombro quando desaparece mais uma vez no armário. — Você precisa agir como uma Savage, Olivia.

A desgraça iminente gela meu coração e eu luto para controlá-lo. Nosso casamento foi arranjado, pela sua mãe e a minha. Eu ganho o nome de Savage respeitável e temido, e ele recebe uma esposa que lhe permitirá ser quem ele é, sem fazer perguntas ou ter expectativas.

Eu não espero que ele seja um marido de verdade para mim, porque eu já sei a verdade.

Ele é um monstro.

Nada pode mudar isso, e ele sabe que eu sei.

Provavelmente por isso que ele não consegue olhar para mim.

— Você pode ir. — ele acrescenta como uma reflexão tardia, enquanto amarra os sapatos.

Com prazer.

Eu não olho para trás.

O jantar é um assunto refinado e desconfortável em Whitley.

A mesa da sala de jantar pode acomodar trinta, mas apenas três de nós estão aqui. Richard, Eleanor e eu.

Meu garfo raspa acidentalmente o meu prato de porcelana e Eleanor olha para mim com desaprovação. Eu recuo.

Ela engole seu pedaço de frango, em seguida, olha para mim.

— A data do casamento foi definida.

Meu coração bate.

Eu não quero perguntar, eu não quero mostrar o meu pânico, mas quando Richard não pergunta, eu tenho que fazer isso.

— E quando é?

Eu odeio o quanto minha voz soa pequena, tão fraca.

— Trinta dias. Tudo está sendo providenciado. Você não vai precisar fazer nada.

Nada, além de me algemar ao Richard, só isso.

— O Sr. Savage voltará para o casamento? — eu não sei por que estou curiosa, além do fato de que Richard Savage I é a única pessoa amigável da família. Seus olhos são quentes, seu sorriso é genuíno. Ele é uma pessoa que eu acho que gosto realmente, quase um aliado. Ele é sempre gentil comigo.

Os olhos de Eleanor são gelados.

— Possivelmente. É difícil de dizer.

Sr. Savage está em uma viagem de negócios há uma semana já. Certamente ele não vai ficar fora por mais um mês.

Um mês.

Um mês.

Trinta dias.

É quanto tempo eu tenho antes de ser condenada a uma vida com Richard.

Isso me dá um nó permanente na garganta, que eu não consigo engolir, e assim que eu posso, peço licença e fujo para a minha mãe.

Assim que eu chego, ela abre os braços e eu desmorono dentro deles, e ela me abraça enquanto choro.

— Pronto, pronto. — ela dá um tapinha nas minhas costas e acaricia meu cabelo. — Vai ficar tudo bem, Liv. Vai tudo ficar bem.

Mas não vai. Nunca. Eu sei disso.

Ela me deixa chorar e me abraça apertado.

— Eu queria poder tirar isso de você. — ela diz, finalmente, e sua voz é tão triste. Eu olho para ela e ela parece frágil sob o luar. — Você não tem que fazer isso por mim, garota.

Mas ela sabe que eu tenho.

Se eu casar com Richard, eles vão cuidar da minha mãe pelo resto da sua vida. Ela nunca mais passará fome, ficará sem assistência médica, ela sempre vai ficar bem. Uma vez que ela está sozinha agora que meu pai se foi, eu tenho que fazer isso por ela.

Eu preciso.

Eu me recomponho e engulo o nó persistente.

— Eu vou ficar bem. — digo a ela determinadamente, e eu falo sério. Eu vou ficar bem. Eu preciso ficar.

— Você chora pelo garoto de cabelo escuro. — ela me diz com conhecimento de causa e seus olhos estão perturbados. — Você chora pelo que não pode ser, meu amor.

Eu desvio o olhar porque não desistirei do Phillip. Eles podem me fazer casar com Richard, mas não podem me fazer desistir do Phillip.

— Eu o amo. — eu digo a ela sem rodeios, incapaz de encontrar seus olhos. — Eu vou ser discreta. Ninguém nunca vai saber.

Ouçõ a sua ingestão aguda de ar e não olho para ela.

— Olivia! Isso não é o que somos. Você não pode estar com ele. Você vai dar o seu voto ao Richard Savage, e é assim que tem que ser. Você é tão boa quanto a sua palavra, filha. Sua palavra é sua obrigação.

Eu sei disso. Eu sei. Mas a ideia de não estar com Phillip tira o meu fôlego. Eu não quero respirar sem ele.

Eu não digo isso para a minha mãe, no entanto. Em vez disso, eu fico com ela um pouco mais, e quando saio, sinto os seus olhos perfurando minhas costas enquanto ela me observa ir.

É como se ela soubesse.

E ela provavelmente sabe.

Capítulo Dois

Seus dedos enrolam no meu cabelo e sua respiração é doce na minha bochecha.

— Livvie. — ele sussurra, e sua voz é a luz da lua. — Como você me completa.

Ele acaricia meus braços, meu seio, minha barriga. Ele faz uma trilha com seus lábios suaves ao longo da minha clavícula, em seguida, leva-os aos meus, delicadamente, levemente e suas palavras têm sabor de mel. Eu absorvo-as, inalo seu beijo e tento memorizar o seu rosto com meus dedos.

— Eu te amo. — eu digo a ele, e há dor nas minhas palavras, um sofrimento verdadeiro que eu nunca poderia expressar com uma simples frase. Seus olhos estão suaves e negros quando ele olha nos meus, e eles brilham à luz da lua.

— Você é meu coração. — ele responde simplesmente.

Seu corpo é firme, magro e longo, quando ele desliza sobre mim, e depois dentro mim, uma e outra vez na noite. Eu me apego a ele como se minha vida dependesse disso, porque de um modo incerto, depende.

Phillip me ancora. Ele me completa. Ele enche meus lugares vazios e me faz sentir viva. Sem ele, eu estou morta, como madeira

ou pedra. Falo isso, e ele me levanta, meu quadril preso ao dele, meu pescoço na sua boca.

— Mon petite lapin[1]. — ele murmura. — Você vai viver, eu vou viver e nós sempre estaremos.

— Mas eu quero *estar sempre* junto. — eu digo a ele fracamente, e mesmo que suas mãos estejam em toda parte e sua boca seja macia como as nuvens, eu só consigo pensar nisso, posso apenas concentrar na perda iminente dele. — Por favor, não me deixe.

Ele recua e olha para mim, e ele olha profundamente dentro de mim, em lugares que eu nem sabia que existiam.

— Eu estarei sempre com você, Livvie.

Ele é tão firme, tão seguro, que eu me permito acreditar. Eu desmorono em cima dele, absorvendo seu calor, sua segurança e sua força. Os músculos vigorosos do seu peito pulsam com o calor e os meus dedos traçam as estrias, encontrando a batida do seu coração.

Eu pressiono o meu no dele, e sinto prazer na forma como eles se unem.

Dá-me a sensação de sermos um, como se fôssemos um para sempre.

Abro os braços e ele vem para mim, apoiando a cabeça no meu peito, lambendo-os, me acariciando. Há um lampejo prateado, pele

pressionada na pele, osso contra osso. Minhas coxas dobram em torno da sua mão, empurrando-o para dentro de mim, segurando-o perto. Ele me toca, me acaricia, me inflama.

Eu suspiro, ele engole. Eu gemo na sua boca, ele sorri na minha.

— Você está linda. — ele me diz quando lentamente, lentamente, lentamente me leva de novo, e nos seus olhos, eu sei que eu sou. No reflexo do seu olhar, vejo o meu longo cabelo escuro, exuberante e brilhante. Vejo minhas curvas e meus ângulos, meu sorriso e minha aflição. Eu vejo tudo do jeito que ele me vê e eu sou linda.

Dá poderes e eu tremo com isso.

Ele sorri.

— Vê o que você faz comigo, Livvie?

Ele envolve meus dedos brancos na sua masculinidade e pulsa e endurece, de novo e de novo e de novo. Quando estamos finalmente desgastados, eu caio contra ele e durmo em seus braços, durmo o sono dos saciados... até eu começar a sonhar.

Meus sonhos começam, pretos, pretos, mais negros, como nuvens de tempestade passando no horizonte. Phillip controla a tempestade e seu rosto é tempestuoso.

— Não me traia. — ele fala com um estrondo, e sua boca está contorcida e com raiva.

— O que você quer dizer? — eu pergunto, e estou confusa porque eu nunca o traí. Nunca na minha vida o traí. Ele tem que saber disso. — Eu daria minha vida por você.

Ele faz uma pausa em meio à tempestade e olha para mim, o olhar pensativo e negro.

— Daria?

Estendo a mão para ele, mas ele se dissipa na névoa das nuvens e, em seguida, ele se foi. Eu sinto sua ausência imediatamente e eu acordo gritando, agarrando Phillip, puxando-o para perto.

— Qual o problema, Livvie? — ele pergunta rapidamente, acariciando meu cabelo. Eu balanço a minha cabeça, ainda aterrorizada até os ossos.

— Eu perdi você. — digo a ele. — No meu sonho você foi embora, e eu fiquei tão sozinha, e você estava com raiva de mim.

— Eu nunca poderia ficar com raiva de você. — ele me diz e sua voz é uma canção que eu estou desesperada para acreditar.

Estou inquieta e agitada, mas seus dedos traçam as minhas costas e me embalam até relaxar. Fico deitada com ele durante toda a noite, em sua pequena cama, em sua pequena cabana.

Nós desfrutamos o luar com a janela aberta, e eu inalo a brisa fresca inglesa. Eu sinto o cheiro das rosas e das hortaliças e o aroma da pele de Phillip, e é uma combinação que eu sei que nunca vou esquecer.

E uma e outra vez ele estende a mão para mim, e seus dedos são suaves e sua respiração é quente.

Mais e mais, ele me faz sua e mais e mais eu aceito. Eu o tomo, eu o aceito como meu. Se pelo menos isso fosse verdade para sempre.

Há uma faísca no ar hoje à noite, no entanto. Algo diferente, algo que crepita no caminho que eu respiro, que eletrifica cada toque. Talvez seja porque eu sei que nosso tempo é limitado. Talvez seja porque meu coração está partido.

Eu não sei.

Tudo o que sei é que quando deixo o meu amado Phillip, de manhã, conforme o sol nasce sobre os muros, eu me sinto diferente. Eu me sinto pesada, eu me sinto triste. Sinto-me devastada e sozinha como nunca. Mas os pensamentos da minha mãe impotente assaltam-me, e vou na direção de Whitley, porque sem mim, ela vai tropeçar e perecer. Devo fazer isso. Devo sustentá-la, como ela me sustentou, desde o dia em que nasci.

Eu olho para trás, por cima do ombro, apenas uma vez, e o olhar assombrado nos olhos escuros de Phillip ficará comigo para

sempre. É cheio de coisas que eu não entendo e cheio de coisas que eu entendo. Desejo, tristeza, até mesmo culpa. Eu fecho meus olhos, apertando-os com força.

Eu tenho que resistir a correr de volta para os braços à espera. Eu devo.

Pela minha mãe.

Três semanas mais tarde eu descobro que estou grávida.

[1] Minha pequena coelha / coelhinha.

Capítulo Três

Minha mão inconscientemente apalpa a minha barriga ainda lisa, enquanto Richard caminha ao meu lado na calçada na cidade.

Estamos aqui para a última prova do meu vestido, e eu tenho a sensação de que vai ter que alargar um pouco na área do peito. Meus seios já estão inchados e doloridos, e foi o primeiro sinal de que eu poderia estar grávida. O segundo foi o mal-estar matutino, que ainda me atormenta. No momento, no entanto, o meu mal-estar vem do toque de Richard no meu cotovelo.

À medida que caminhamos, eu mantenho meus olhos para baixo. É hábito. Se eu não fizer contato visual, não verei o escárnio. Serei ridicularizada? Eu não sei, mas tenho a sensação de que se as pessoas me verem, realmente me verem, elas saberão o que eu fiz.

É quando eu atravesso a rua, o meu pé pisa nos paralelepípedos, que eu sinto alguém olhar.

Não olhe.

Não olhe.

Não olhe.

Receio que seja alguém que me descobriu, que me julga uma adúltera traiçoeira, alguém que vai correr para Eleanor e expor tudo. É um medo irracional, porque atualmente eu sou a única que sabe.

A cada passo, eu sinto o olhar sobre mim ficando cada vez mais quente e, finalmente,

Finalmente,

Eu olho.

Eu inalo bruscamente e os meus pés vacilam porque é Phillip.

Ele está sentado em um banco e seus olhos negros estão conectados com os meus, os cantos dos lábios se curvam em um sorriso suave.

Ele arde com mistério, com sensualidade, com confiança, e ele me empala com o seu olhar, do outro lado da rua, por todo o caminho. Ele tem um livro no seu colo e está passando o tempo casualmente, uma longa perna cruzada sobre a outra.

Eu estou congelada e eu não sei por quê.

Talvez seja a energia que eu sinto entre nós, como se ele olhasse para mim com um propósito.

Talvez seja o fato de que ele é oh-tão-bonito.

Ou talvez seja porque de alguma maneira eu achei que ele tivesse ido embora, que ele tivesse me deixado e eu estivesse sozinha.

Seja o que for, sou atraída por isso. Eu estou congelada com o peso do seu olhar, e por um minuto, é como se fosse só ele e eu no mundo, enquanto os rostos, pessoas e carros giram em torno de nós, deixando-nos isolados e sozinhos.

O canto da sua boca se inclina para cima.

Ele levanta a mão.

Ele está acenando.

Para mim.

Engulo em seco e retorno o cumprimento, em seguida, percebo que eu devia parecer ridícula, debilmente na rua, olhando para ele como um cachorrinho abandonado.

— Quem é esse? — Richard pergunta impaciente e eu saio do meu torpor com um solavanco, para a realidade dura de Richard.

— Eu não sei. — eu minto. — Eu acho que ele é um andarilho. Reparei nele na cidade no outro dia.

Parte disso não é uma mentira. Eu acho que ele é um andarilho. E eu realmente o notei outro dia. Muitas, muitas vezes, todas durante a noite.

Os olhos claros de Richard estreitam. — Parece que ele conhece você.

Mas, naquele momento, quase como se tivesse ouvido, Phillip desvia o olhar, como se eu fosse uma estranha, como se tivesse se confundido ao acenar para mim.

Isso esmaga a minha alma e eu engulo em seco.

— Vê? Eu acho que ele achou que me conhecia, mas estava enganado.

Richard faz uma pausa, mas eu não sou importante o suficiente para sua preocupação. Ele volta sua atenção para o assunto em questão.

— Eu vou deixar você na loja de roupas, enquanto faço algumas coisas.

Eu sei que as “algumas coisas dele” incluem visitar o bordel, para que seus desejos depravados, não naturais, possam ser atendidos, mas eu não indico que eu sei. Em vez disso, eu simplesmente concordo.

Ele me deixa na loja e eu desapareço para dentro.

Eu espero obedientemente dentro de um provador enquanto preparam meu vestido, e quando oferecem para me ajudar a colocá-lo, eu recuso. Eu posso vestir-me, pelo amor de Deus.

— Posso ser útil?

A voz sedosa de Phillip está no meu ouvido justo quando estou lutando para fechar a parte de trás cheia de botões de pérola.

— Como você... você não pode... eles não podem ver você aqui!
— eu consegui dizer finalmente, e, ao mesmo tempo jogando meus braços em volta do pescoço e agarrando-o. Seu cheiro é tão familiar e eu inalo.

— Não se preocupe, ma Cherie. — ele me diz. — Ninguém sabe que estou aqui.

Seus dedos fecham habilmente meus botões e ele está atrás de mim no espelho.

— Você está linda. — ele sussurra, seus lábios no meu pescoço, suas mãos achatadas contra a minha barriga.

Minha barriga.

Eu me sinto nauseada instantaneamente e viro para ele, apertando os seus dedos.

— Phillip, eu... eu preciso te dizer uma coisa.

Ele espera e ele é calmo, e as palavras derramam.

— Estou grávida. É seu.

Seu sorriso é imediato e radiante e por apenas um minuto, eu me divirto com a ideia de que ele vai me tirar deste cômodo e desta cidade e tudo vai ficar bem.

Mas essa esperança é frustrada quando ele concorda com a cabeça.

— Isso me agrada, ma Cherie. Nós vamos estar sempre ligados por isso, meu coração.

O significado do que ele disse me atinge.

Ele não tem a intenção de ficar comigo de jeito nenhum.

— Mas... — eu gaguejo. — Eu quero ficar com você. Nós poderíamos ser uma família. Talvez pudéssemos fazer tudo funcionar.

Seu olhar é simpático. — Você deve cuidar da sua mãe. — ele me lembra. — Eu não posso fazer isso. Eu não tenho raízes, Livvie. Eu não tenho um lugar no mundo ou meios para cuidar dela ou de você. Aproveite esta oportunidade. Crie o nosso bebê para ser um Savage. Ele vai ser estimado e você também. Eu não posso fazer isso por você.

Meu coração vira pó e eu não consigo nem chorar porque estou chocada, tão chocada.

— Eu pensei que você me amasse. — eu digo e isso sai como um gemido.

— Eu amo. — ele me diz com firmeza. — Do meu jeito, eu amo.

Ele espalma minha barriga e se inclina para beijá-la. — Nós teremos um filho. — ele anuncia, como se apenas tocando minha

barriga ele soubesse. — Dê-lhe o nome de Adair, Livvie. É um nome de família.

— Ele vai ter o seu sobrenome. — eu digo com firmeza, embora Phillip tivesse me desiludido. Mesmo que eu me sinta perdida, tão perdida. — Ele nunca vai ser um Savage. Eu não terei.

— Se você acha assim. — Phillip responde, e é claro que ele não se sente tão forte quanto. — Apenas crie-o bem, Livvie. Desculpe-me, eu não posso ser o que você precisa que eu seja.

Meu coração palpita e ele beija minha testa e, em seguida, ele se foi e eu sou uma pilha no chão, no meio do meu vestido branco volumoso.

Como vou sobreviver a isso? Como o meu coração vai continuar batendo?

Eu não sei.

Após o ajuste, depois de determinar que eles de fato teriam que arrumar no busto, eu sento com as mãos entrelaçadas na minha barriga. No interior, o filho de Phillip cresce. Se Phillip se foi, seu filho vai me dar força. Ele vai ser a minha única e verdadeira luz, o meu propósito.

Quando eu caminho de volta para Whitley, é com espírito renovado.

Eu sei o que tenho que fazer.

Eu me caso com Richard sete dias depois.

Capítulo Quatro

A irmã de Richard, Laura, chega em casa, da faculdade, para a cerimônia, e durante a recepção, ela se senta perto de mim, apertando a minha mão na dela.

— Você parece tão triste, Liv. — ela diz, seu cabelo vermelho caindo ao redor dos seus ombros. Laura sempre foi tão bonita quanto uma fada da floresta, tão feroz, tão ardente.

— Eu não estou. — eu insisto, mas minha voz não é convincente e Laura não acredita em mim, mas ela não pressiona.

— Eu vou contar para minha mãe em breve que vou embora da Inglaterra. — ela confia, seu braço esbelto envolvendo o meu ombro. Eu estou assustada e horrorizada com isso.

— Você não pode! — eu exclamo. Porque além do Sr. Savage, ela é minha única aliada. Ela é a única pessoa decente, e sua mãe nunca permitiria isso.

Laura ri baixinho e é um som tilintante. — Estou apaixonada. — ela confia. — E por um americano! Ele estava de férias e nos conhecemos e tem sido maravilhoso. — seu rosto fecha. — Mas minha mãe nunca irá aprovar, e papai não pode ser encontrado.

Ela está certa. Sr. Savage não está aqui para o casamento, e Eleanor age como se nada estivesse errado. É muito estranho.

— O que vou fazer sem você? — eu pergunto, e mesmo que eu tente parecer que estou brincando, eu não estou e Laura sabe disso.

— Você não tem que ficar aqui. — ela me diz. — Eu ajudaria sua mãe. Nós daríamos um jeito, Liv. Você é minha amiga. Eu não quero que você seja infeliz. Meu irmão pode ser... difícil.

— Com todo mundo, exceto você. — eu sussurro, e ela olha para mim, porque ela sabe exatamente o que eu quero dizer. Seu irmão é apaixonado por ela, e ele foi toda a sua vida.

Ele sempre tentava preencher o vazio em outro lugar, em bordéis, com prostitutas e homens e até mesmo meninos, tentando preencher essa necessidade doente que ele tem pela sua própria irmã.

Nunca funciona.

Ele ainda cobiça Laura.

Mas isso não o impediu de tentar.

Richard voltou para casa ontem à noite cheirando a sexo... o tipo de cheiro que vem de estar com outro homem. Uma das suas coisas favoritas a fazer é sexo áspero, homem-a-homem, agressivo, e ele prefere que seus homens sejam bem jovens[2], e ele faz coisas indizíveis com eles, tudo em nome de tentar evitar estar com a irmã. Eu sabia disso. Eu sempre soube e Laura também.

Eu coloco a mão na minha barriga, e a sensação de paz que tenho quando eu faço isso é profunda.

Eu balanço a minha cabeça. — Eu vou ficar bem. — digo a ela. — Eu vou sentir sua falta. Você precisa sair daqui e nós duas sabemos o porquê.

— Eu vou sentir sua falta também. — ela responde e balança a cabeça, porque ela sabe também. — Mas eu vou voltar para casa para visitar. Não se preocupe.

Se ela for esperta, ela não volta, mas eu sei que ela vai voltar. Ela tem o sentido Savage do dever, não importa o quanto ela tenha medo do irmão ou o quanto ela não goste da mãe.

A recepção se arrasta, mas isso é bom para mim, porque eu tenho medo que mesmo que ele não queira, Richard vai se sentir no dever de consumir nosso casamento. Não é até as primeiras horas da manhã que nos encontramos na suíte de Richard, um conjunto frio de cômodos, onde eu vou viver a partir de agora.

— Você devia tomar banho. — Richard me diz, sua voz é desdenhosa. — Foi um longo dia.

Estou muito cansada para tomar banho, mas também estou muito cansada para discutir. — Você pode sabotar meu vestido?

Eu só pergunto porque eu estou muito cansada para tentar chegar as pequenas pérolas. Richard parece horrorizado, mas ele faz

o que eu peço com os dedos frios. Tenho que virar aço para evitar fugir do seu toque.

Que bela noite de núpcias, eu penso tristemente. *Eu deveria estar aqui com Phillip*. Mas eu forço para tirar todos os pensamentos de Phillip da minha mente, tentando me convencer de que é como se ele tivesse morrido. Isso é o quanto Phillip é indisponível para mim agora. Eu preciso me permitir a ficar de luto por ele.

Eu tomo banho e deixo que o vapor quente leve o meu estresse, meus pés apoiados no azulejo. Meus olhos ficam fechados até Richard pigarrear bem ao lado da banheira.

— Olá, Olivia. — ele diz formalmente, como se ele não tivesse me visto apenas um momento atrás. — Eu gostaria de ter uma conversa com você quando você acabar.

Ele quer dizer agora. Eu posso ver isso no seu rosto.

Concordo com a cabeça bruscamente, e ele não olha para o meu corpo nu de jeito nenhum, nem mesmo um vislumbre. Eu me levanto, seco e sigo-o para o quarto, vestida com um robe.

— Eu não vou exigir seus serviços sexuais. — diz Richard sem prefácio. Eu não estou surpresa e nem sequer tento agir desse jeito.

— Nunca? — eu pergunto para esclarecer, com medo de ter esperança.

— Nunca. — ele responde. Um tipo de respiração forte sai dos meus pulmões com o alívio. Sexo com Richard seria como ter relações sexuais com um peixe frio.

— O que eu preciso é que você seja uma esposa exemplar. Eu preciso que você exiba alta consideração pelo nome Savage e siga o fluxo de ser uma esposa amorosa em público.

— Mas não em privado?

Ele olha para mim. — Em privado, você vai me obedecer. Você vai me respeitar. Mas você não vai precisar demonstrar amor.

Bem, graças a Deus.

Mas penso sobre o meu bebê embora, e minhas mãos tremem, porque se Richard e eu nunca fizermos sexo... ele saberá, sem dúvida, que o bebê não é dele. Não que eu queira que seja dele.

— Eu... — minha voz diminui, porque eu não sei o que fazer. Eu sinto a necessidade de dizer a ele, ser honesta, mas eu provavelmente deveria ter sido honesta antes do casamento, não depois. O medo me impediu de ser.

— Sim? — a testa do Richard levanta.

— Tenho que contar uma coisa.

Ele espera.

Eu digo a ele.

— Estou grávida.

Então há o silêncio.

Richard olha para mim por um longo tempo.

— Bem, isso é uma coisa a menos para me preocupar. — ele finalmente responde. — Um herdeiro, é isso.

— Eu não quero que meu bebê tenha o seu sobrenome. — eu digo a ele, e eu estou determinada. Meu bebê não vai ser um Savage.

Ele olha para mim de novo. — Quem é o pai, pode dizer?

— Você não o conhece. E ele já foi embora.

Eu acho.

— É melhor que tenha. — Richard finalmente responde. — Você não vai me envergonhar.

É só com isso que ele está preocupado?

Concordo com a cabeça e ele pensa.

— A criança não vai deixar a propriedade, apenas no caso de não se parecer com você ou comigo. Teremos professores particulares e ninguém vai saber. Vamos dizer que é doente, então ninguém vai saber.

Tudo o que ele se preocupa é a percepção pública e o fato de que ele não vai precisar ir para a cama comigo.

Estou aliviada e enojada ao mesmo tempo.

Mas eu aceno.

— Muito bem. — diz Richard friamente. Ele se vira para sair. — Ah, e Olivia?

— Sim?

Ele se vira e me bate com a costa da mão com força suficiente para me bater na parede. O quarto parece se dividir por causa da dor. Ele roda e gira, e quando eu toco meu rosto, meus dedos voltam com sangue sobre eles, e o gosto metálico enche a minha boca, correndo dos meus dentes.

— Não me desonre de novo.

[2] No original: barely legal. Próximo de atingir a idade de emancipação.

Capítulo Cinco

— O que você fez, garota?

Minha mãe me olha acima da borda da xícara, e seus olhos estão tristes. Seus ombros estão curvados, e de repente ela parece tão frágil e velha.

— Eu não fiz nada. — eu digo a ela com firmeza e alcanço uma xícara de chá. Ela coloca a mão sobre a minha, e fecha os olhos.

— Eu vi no seu rosto e sinto agora. Você está grávida. Eu sei que não é do Richard. O que você fez?

Eu suspiro, e tristeza me inunda, e eu afundo em uma cadeira à mesa.

— Eu disse que o amava. — murmuro e na minha cabeça, tudo que eu posso ver é Phillip. — Ele era meu coração, mamãe. E agora ele se foi.

Ela expressa desaprovação e desvia o olhar, como se ela não pudesse sequer suportar encontrar meus olhos.

— Isso não vai ser bom para você. — ela diz, e sua voz é deprimida e fraca. — Eu sei que não vai, Liv. Você tem que fazer alguma coisa.

Ela vasculha em um armário velho, e depois de alguns minutos, ela me entrega uma caneca fumegante. — Beba isso. Vai cuidar de tudo.

Eu cheiro o líquido e tem um cheiro amargo de musgo. Tem cheiro de algo mal e eu fico assustada. — O que é isso?

— Apenas beba. — ela murmura, e tudo o que eu preciso saber está na sua voz.

— Eu não vou matar o meu bebê. — eu digo a ela, e estou chocada que ela ao menos tentou. — Eu nunca o mataria. É a única coisa que vai me amar.

— *Eu amo você.* — minha mãe insiste. — Mais do que você jamais saberá. Você deve se livrar desse bebê. Vai ser a sua ruína. Eu sei isso.

— Eu sou a minha própria ruína. — eu rebato, e não há nenhuma discussão nesse assunto. — Eu nunca vou machucar o meu bebê.

— O que Richard vai dizer? — a mãe comenta em voz alta. — Ou Eleanor? Você certamente não pensou sobre as coisas, garota.

— Richard está simplesmente feliz por não ter que ir para a cama comigo. — eu digo a ela. — Você sabe que ele é um monstro que prefere meninos e a irmã. Eu não sei se Eleanor sabe ainda. Ela certamente não disse nada para mim.

— Então ela não sabe ainda. — mamãe fala sabiamente, e eu tenho que concordar. Eleanor certamente nunca ficaria em silêncio sobre tal coisa. — Ai de você, quando ela descobrir.

Ferocidade materna deve ser inata, porém, porque eu não me importo. Eu não tenho medo da Eleanor, não quando se trata do meu filho. Eu mataria para protegê-lo. Eu morreria para protegê-lo.

Minha mãe vê isso no meu rosto e ela balança a cabeça. — Você é tão tola. — ela diz debilmente, e isso é provavelmente verdade.

— Eu disse para você não se envolver com ele. — minha mãe acrescenta. Seu ‘eu disse’ é sempre chato, e este não é diferente.

— Você sempre tem uma opinião. — eu respondo. — É difícil saber quando ouvir. E honestamente, eu não mudaria nada. Eu o amo. Eu o amava. Eu vou amar o filho dele.

— Espero que tenha valido a pena. — minha mãe diz e seus olhos contêm um milhão de significados.

— Valeu. — sou confiante e inabalável nisso. — Foi você que o apresentou para mim, se você se lembrar. Eu não sei por que você está me dando sermão agora.

— Eu te apresentei a ele, porque pensei que você precisava de um amigo. — minha mãe responde. — Não porque eu queria que você se apaixonasse por ele. A vida em Whitley pode ser difícil. Eu

queria que você tivesse um refúgio seguro. Eu não queria que você arriscasse o seu futuro.

Eu não respondo.

— Bem, eu vou tentar lidar isso. — ela me diz, contra os meus protestos.

— Eu não preciso que você interfira. — eu digo a ela, e eu falo sério. — Este é o meu bebê. É desse jeito.

— Eu sei o jeito que é. — ela responde. — E eu vejo a maneira como será. Eu vejo muito mais do que você, jovem. Você vai ter que confiar em mim.

Mas com o brilho nos olhos dela, eu não sei se posso. Não com isso.

— Como você se atreve, sua meretriz?

Eleanor Savage pode ser apenas como seu nome implica. Dura e inflexível. Ela olha para mim agora, na privacidade do seu escritório, e ela está furiosa.

— Meu filho me contou da sua indiscrição. — ela cospe. — E enquanto ele não está preocupado, o mesmo não se aplica a mim.

Ela não menciona a razão pela qual Richard não está preocupado, porque ela nunca mencionará. É algo que não é falado, não reconhecido.

Eu levanto o meu queixo. — Nós ainda não éramos casados quando isso ocorreu. — digo a ela. — Eu não cometi nenhuma indiscrição.

Ela levanta uma sobrancelha. — Você está noiva do meu filho há um ano. Você é uma adúltera. Eu pensei que, pelo menos, a sua palavra pudesse ser confiável.

Ela tem razão, mas os fatos periféricos inclinam a balança. — Seu filho não me quer verdadeiramente. — eu digo a ela com delicadeza. — E você sabe por quê.

Eleanor desvia seu olhar, olhando para fora das grandes janelas.

— Isso não importa. — ela funga. — Você deu a sua palavra. Você é a esposa dele. Isso significa alguma coisa, Olivia.

— Eu não vou desonrar o nome Savage. — eu finalmente respondo. — Você tem a minha palavra.

— E a sua palavra provou ser inabalável até agora. — Eleanor rebate. Eu quase vacilei.

— Mas vai ter que servir. — Eleanor finalmente admite, sem abaixar o nariz. — Richard precisa de um herdeiro. Até Laura se casar, esta criança é a única.

Eu posso dizer que ela não sabe ainda sobre os planos de Laura, e Deus me ajude, eu não vou ser aquela a contar. Laura deve

escapar deste inferno.

— Você vai manter essa criança na propriedade até que averiguemos com quem ela vai parecer. — Eleanor ordena. — Nós não vamos dar a ninguém a oportunidade de falar mal de nós. Você vai criá-la para ser um Savage, e você vai respeitar nossas tradições e crenças.

— Sim, senhora Savage. — eu concordo. Por que que escolha eu tenho? — Mas eu quero que ela tenha o nome do pai.

— Fora de questão. — Eleanor retruca imediatamente. — A criança vai ser um Savage. Você tem sorte que eu não estou expulsando-a sem um centavo, e que eu não vou jogar na sua mãe a responsabilidade pelos seus pecados.

A minha reação é imediata. — Por favor, não culpe a minha mãe. Por favor. Ela precisa de você.

Eleanor se senta de novo, confortável e feliz por conhecer o meu calcanhar de Aquiles.

— Ela precisa, não é? — Eleanor praticamente ronrona agora. — Você será uma boa esposa Savage complacente, não vai?

— Sim. — eu sussurro, medo pelo bem-estar da minha mãe me inunda. — Sim.

— Eu pensei assim. — diz Eleanor. — Seu filho será um Savage. Não haverá dúvidas, sem perguntas.

Talvez no papel. Talvez na sua certidão de nascimento.

Mas no meu coração, ele será um DuBray. Ele é de Phillip. E eu vou ter certeza de que quando ele nascer, ele saiba disso. Eu nunca quero que ele pense que ele vem de um monstro como Richard.

Capítulo Seis

Os dias passam, então semanas, depois meses.

Misturam-se um no outro, cada segundo para o seguinte e assim por diante.

Richard é frio e inflexível. Ele passa horas longe de Whitley, e quando ele chega em casa, de onde quer que ele estivesse, ele toma banho e vem direto para a cama. Nós dividimos uma cama, é claro, mas não tocamos. Ele dorme em um lado, eu durmo no outro, e nós somos estranhos.

Assim está bom para mim.

As salas são frias e ecoam, e os empregados me olham de relance. Eu vejo o conhecimento nos olhos deles, à medida que a minha barriga incha. Eles conhecem Richard desde pequeno. Eles sabem o que ele é, eles sabem suas preferências, e eles sabem com certeza que ele não *me* prefere. Eles sabem que o meu filho não é dele.

Eu não posso evitar que as minhas bochechas fiquem escarlate quando eles olham.

Eu tento me conter como a Savage que eu deveria ser, mas é mais difícil do que eu alguma vez pensei. Agir com tanta autoridade,

com tal arrogância. Não sou eu, e nunca será. Deus me ajude, eu não quero que meu filho seja também.

Sr. Savage não voltou para casa, e eu não sei onde ele está. Eu quero perguntar, mas não se faz perguntas aqui. Se Eleanor quer que você saiba alguma coisa, ela dirá. Se não, então você nunca saberá.

Tudo é estranho e alheio para mim, e eu odeio isso.

Eu odeio isso.

Meu filho chuta contra a minha mão, e apesar de tudo, eu sorrio. Ele é o único ponto brilhante no meu dia, e ele é muito ativo na minha barriga. Ele me dá lembretes constantes da sua presença e eu tenho um grande conforto nisso.

Não importa o que aconteça aqui, meu bebê está vivo e bem.

Eles não podem tirar isso de mim.

Eu ando ao longo dos jardins de rosas, e inalo o perfume doce delas. Elas têm cheiro puro, inocente e celestial, e o cheiro me transporta daqui, deste lugar tóxico, do mal, para um lugar melhor. Um lugar onde Phillip poderia estar.

Eu permito que minha mente derive, crie e sonhe, e é onde eu encontro Phillip.

Ele descansa contra a janela do meu quarto, e ele espera por mim.

Seus olhos brilham e dançam, pretos, pretos, mais negros do que a noite, e eu estendo a mão para ele. Ele me puxa para perto e minha barriga fica entre nós e ele ri.

— Nosso filho cresce. — ele sussurra no meu cabelo e beija meu rosto. — Isso é bom, Livvie.

Eu rio porque é verdade. Meu corpo está alimentando o bebê, dando-lhe a vida, levando-o escondido em segurança. É um milagre, e isso faz de mim uma portadora de milagres.

Phillip balança a cabeça como se pudesse ler meus pensamentos.

— Ele é um milagre. — ele diz. — Você é meu milagre, meu coração.

— Fique comigo. — eu instigo. — Não vá. Eu sinto sua falta.

E eu sinto. Sinto falta de tudo sobre ele. Seu aroma, seu sorriso, seus dedos, seus braços. Aquelas coisas que são todas minhas, e eu as quero para sempre.

Seu sorriso é triste agora. — Eu gostaria de poder ficar, minha Coelha. Mas eu não posso. Temos este momento.

Ele beija meu pescoço, em seguida os meus seios, então toma o meu corpo com o seu. É impetuoso, quente e possessivo, e então ele se foi.

E, em vez de estar sonhando acordada no jardim de rosas, eu acordo na cama. Eu não tenho nenhuma ideia de como cheguei aqui, com os lençóis em volta dos meus punhos cerrados.

— Por que você está acordada? — Richard encaixa do outro lado da cama. — Pare de gemer.

Eu estava gemendo?

Meu sonho foi tão real. Eu pensei que estivesse sonhando acordada.

Mas quando eu coloco a minha mão na minha boca, eu sinto o cheiro de Phillip, e eu estou chocada. Minha imaginação é forte. Isso é certo. No entanto, eu vou dormir com meus dedos debaixo do meu nariz, para que eu possa respirar o cheiro do meu amor.

Noite após noite, eu sonho com Phillip.

Conforme a minha barriga cresce, meus sonhos ficam mais fortes e longos. Eles duram a noite toda, e por causa disso, eu nunca quero sair da cama. Eu quero ficar em meus lençóis, porque é onde Phillip está.

— Levante-se, sua rapariga preguiçosa. — Richard finalmente me diz uma manhã. — Todo mundo está falando.

— Estou grávida. — digo a ele. — Eu tenho uma desculpa. Eu não me sinto bem.

— Eu não me importo como você se sente. — ele diz com frieza. — Você deveria ter pensado nisso antes de abrir as pernas.

Eu olho para longe e cerro os dentes, porque eu não tenho nenhuma defesa. Ele sai e por um breve segundo, eu me pergunto para onde ele vai todos os dias, ele espiona a Laura? Ele visita bordéis para conter o seu desejo? Eu não quero que ele pense que eu me importo, então eu não pergunto. Ele não me diria de qualquer maneira.

Eu deito de novo, meu rosto pressionado no meu travesseiro. Minha mãe deve me visitar hoje, e com certeza, antes de eu me acomodar, ela entra no meu quarto, uma cesta de coisas na sua mão.

— Como você está hoje, meu amor? — ela pergunta, e eu vejo-a me avaliar, os olhos observando o meu estado. — Como você está se sentindo?

— Eu me sinto como uma prisioneira. — eu digo a ela honestamente. — Eu odeio isso aqui.

— Você ainda está sonhando com ele?

Eu contei para ela dos meus sonhos na semana passada, e ela ficou muito interessada. Eu concordo com a cabeça.

— Sim. Toda noite.

— E isso te traz conforto?

Minha mãe espera.

Eu concordo. — Sim.

— Ele fala com você nesses sonhos?

— Ele diz muitas coisas. — eu falo honestamente. — Muitas coisas.

Ela me dá uma xícara de chá quente e acaricia minha testa. — Então, tire conforto disso, meu amor. Todos devemos fazer o que é preciso para aguentar.

Ela me abraça apertado e dá um tapinha nas minhas costas, e eu adormeço nos seus braços, ouvindo seu zumbido. Em pouco tempo, eu estou sonhando e sua voz é Phillip e ele está cantarolando para mim, uma canção sem palavras, desafinada.

— Você está de volta. — ele diz alegremente, e quando ele se levanta, ele não parece bem.

— Você está bem? — eu pergunto rapidamente, porque ele parece pálido e sozinho. Ele sorri, um sorriso triste e assente.

— Nada para se preocupar, meu coração.

Meu coração. Como eu adoro quando ele me chama assim.

— Venha para mim agora. Deixe-me abraçá-la. Deixe-me fazê-la minha novamente.

Deus, eu quero isso. Eu vivo para isso. Digo-lhe isso e ele sorri contra a minha testa, e ele me toma, de novo e de novo, e parece tão real.

— O que você faria para mim? — ele finalmente pergunta quando estamos deitados e desgastados juntos, nossos braços suados e pernas entrelaçadas, arrastando os dedos sobre a minha barriga e meus seios inchados.

— Qualquer coisa.

A minha resposta é imediata e honesta. Ele é meu único ponto brilhante, minha única coisa boa.

— Qualquer coisa?

Phillip está pensativo agora, especulativo, e seus olhos escuros ficaram tempestuosos. Eu estendo a mão e aliso uma mecha de cabelo do rosto e eu aceno, assegurando-lhe.

— Você é minha vida, Phillip. Nosso filho é minha vida. Eu faria qualquer coisa para qualquer um de vocês.

Ele sorri, e seus dentes são pérolas. — Bom. Eu esperava que você dissesse isso.

— Por que você pergunta? — questiono e minha voz é educada e tão britânica. Nós somos educados em excesso, eu acho.

— Porque há coisas na vida que não podemos compreender. — ele diz vagamente, e sua resposta não é realmente uma resposta. —

Eu poderia tentar, mas você nunca acreditaria em mim. Eu só queria ouvir você dizer isso, dizer o quanto você me ama, o quanto você faria para mim. O que você me daria... se eu precisasse.

— Eu te daria qualquer coisa. — minha resposta é firme, e eu falo sério.

Ele vê isso e sorri.

— Eu sei que você faria. Obrigado, Livvie. Obrigado.

Capítulo Sete

Dia vira noite e noite vira dia, para mim.

Eu nunca sei que horas são e eu nunca deixo meus aposentos. Os empregados me trazem refeições, e meu único visitante é minha mãe. Ela me visita cada tarde para o chá. Ela se preocupa comigo, ela se aborrece, mas ela é também uma presença calma que eu preciso. Eu preciso extrair a sua paz.

— Não se preocupe, Olivia. — ela me diz. — Tudo vai ficar bem, tudo vai ser como deveria ser. Eu prometo. Eu vou ter certeza disso.

Eu não sei o que ela quer dizer, mas a esta altura, eu particularmente não me importo. Eu estou sempre arrastando no limite da realidade hoje em dia, metade em um mundo de sonhos, metade no presente. É confuso, e torna-se mais a cada dia.

— De quanto tempo eu estou? — eu pergunto a ela, porque o tempo tem se confundido.

— Só falta algumas semanas, meu amor. Você consegue fazer isso.

Eu envolvo minha barriga com força em meus braços, protegendo-a do mundo. Claro que eu posso. Isso nunca foi uma dúvida.

Meu filho cresce e prospera, e seus chutes e voltas ficam cada vez mais fortes, mesmo enquanto eu pareço ficar cada vez mais fraca. Meus braços estão pálidos e magros, e minha mãe me incita a caminhar nos jardins como eu costumava fazer.

— Não. — eu respondo com firmeza e rastejo de volta para a minha cama. Minha cama é o meu refúgio, meu consolo. Eu não vou deixar Phillip e ele está aqui.

— Você está definhando. — minha mãe aponta, e eu posso sentir minhas costelas contra meus braços quando eu respondo:

— Nada importa. Não mais.

Minha mãe parece tão triste e ela sussurra: — Sinto muito, meu amor. — ela diz para mim quando se senta na beira da minha cama. — Você fez isso por mim, e eu não queria isso. Eu nunca quis isso.

Eu não me importo mais. Eu não me importo com o que ela quer ou não quer. Ela vai ser cuidada, meu bebê vai nascer e eu vou dormir a minha vida toda, sonhando com Phillip. É isso que eu quero.

É naquela noite a primeira que os vejo.

Eles têm olhos negros e dentes afiados. Eles são sombras que se movem e fundem-se com as paredes, eles se misturam com a noite e uivam para a lua. Eu fujo para longe, eu movo na direção do

Richard, porque até ele é mais seguro do que aquelas sombras desconhecidas.

Ele mexe durante o sono, mas não acorda, e eu agarro a roupa de cama no meu queixo, enfiando os pés embaixo de mim.

Mas isso não impede que as sombras se movam, aproximem de mim, sentem na minha cama, ofeguem na noite.

Ouçõ unhas dos pés longas estalando no chão, clique, clique, clique, e passos e rosnados. Os rosnados vêm de todos os lugares e de lugar nenhum. É a noite, é o ar. É tudo ao meu redor, e os pelos dos meus braços e da minha nuca levantam. Algo está aqui. Eu só não sei o que é.

— Richard. — eu o sacudo e ele acorda, impaciente.

— O quê?

— Você vê isso?

Eu movimento em direção à escuridão, e não há nada lá agora, nada, além do espaço de parede branca e a noite.

Ele me olha quando volta a deitar.

— Volte a dormir.

Eu não posso.

Eu quero, porque é onde Phillip espera, mas agora há algo aqui, algo ameaçador. Eu sinto. Eu sinto.

Eu fecho meus olhos com força, mergulhando na escuridão e tento fazer com que os seres perversos saiam. Eu conto até dez e quando os abro, os seres se foram, mas há sangue.

Sangue

Sangue

Sangue.

Escorrendo pelas paredes, inundando o chão, flutuando ao lado da cama. Horrorizada, eu coloco a minha mão nele e levo-a para a minha boca. Eu sinto o sabor e é doce, e posso dizer que é meu. Eu posso sentir o meu cheiro nele e o presságio é claro.

Eu vou morrer.

Eu só não sei quando,

Ou como.

O sangue gira em torno de mim e eu fecho meus olhos, e quando eu os abro na parte da manhã, o sangue se foi, mas ainda está na minha mente, e eu ainda sei o que significa.

Eu chamo a minha mãe depois que Richard sai para o dia e ela vem imediatamente.

Ela olha nos meus olhos e sente meus dedos e punhos e testa meu pulso.

Quando ela se afasta, ela não olha para mim, e seus olhos estão tão tristes.

— O sangue era preto ou vermelho?

— Vermelho. — digo a ela.

— Era doce ou azedo?

— Doce.

— Você tem certeza que era o seu? — mas a voz de minha mãe não tem esperança. Ela sabe o que eu vou dizer.

— Sim.

Ela suspira, e é um som desesperado e ecoa pelos quartos.

— Minha menina, minha menina. O que você fez? Você é uma filha de Salomé. Nunca esteve destinado a ser você.

Eu estremei com o nome, o nome que eu ouvi desde o momento em que nasci. Salomé, a mulher misteriosa e antiga de quem eu devia ser uma descendente. Minha mãe usa esse fato como um distintivo de honra, mas para mim, é nada. Salomé era uma mulher, só isso. Mas a minha mãe leva as histórias a sério.

— Nunca tinha que ser você. — ela repete. — Se você, pelo menos, tivesse me escutado. Ele não era bom para você. Ele causou isso.

Por *ele*, eu sei que quer dizer Phillip, e suas palavras me irritam.

— Ele era a única coisa boa na minha vida. — eu digo a ela, e eu vejo vermelho com a minha raiva. — Ele nunca me pediu nada. Ele me amou por mim, ele não me amou pelo que eu poderia oferecer-lhe, ou pelo o que eu podia fazer por ele.

Minha mãe realmente se encolhe com as minhas palavras, porque ela vê a farpa nelas. Ela sabe que eu nasci para um propósito e, por mais que ela tenha me amado toda a minha vida, isso não muda o propósito.

— Eu amo você, garota. — ela murmura. — Nada pode mudar isso.

— Eu vou morrer. — eu digo a ela com firmeza, fraqueza e indiferença. — Isso muda tudo.

Minha mãe não pode discutir, porque ela sabe que é verdade.

Capítulo Oito

As histórias

As histórias

As histórias.

As histórias ricas que me contaram desde que eu era pequena giram na minha cabeça e eu vejo as tramas de palavras vibrantes e ricas se reunirem na minha frente.

Salomé.

A enteada do antigo e grande Rei Herodes.

Ela dançava para ele uma noite fatídica, uma dança tão cheia de sedução que ele disse a ela que qualquer desejo que ela tivesse era dela, que ele daria qualquer coisa para ela. Ela exigiu a cabeça de João Batista e Herodes entregou em uma bandeja de prata.

Ela era uma sedutora, ela era astuta, ela era brilhante.

O sangue dela é o meu sangue.

Ela se envolveu em magia negra e necromancia, e ela se tornou poderosa e grande. Ela tinha uma linha de grandes descendentes, e eu sou um deles. O sangue dela sempre a vingaria, ela disse. Eu sou seu sangue.

Eu sou seu sangue.

Estou louca?

Eu deito na cama, olho para o teto, reflito sobre as histórias e sinto meu filho sob a minha mão, movendo-se, movendo-se, movendo-se, e eu não sei se eu sou louca.

A história de Salomé era real? Ou eu a imaginei?

A minha gravidez está me deixando doente?

Eu estou tendo alucinações?

Eu não sei

Eu não sei

Eu não sei.

Tudo o que sei é que a cada noite, eu vejo o sangue. Ele preenche o meu quarto como um grande oceano, e na noite passada, uma mulher saiu dele. Ela estava coberta de sangue e usando um anel de prata.

— Isso é seu. — ela pronunciou em uma voz rouca, áspera, e eu já vi esse anel antes, mas não consigo lembrar onde.

Eu não pego, porque eu sinto a energia que vem dele. Eu sinto daqui, da minha cama. Eu fecho meus olhos e Phillip está lá, e o quarto não é sangrento, e eu estou encharcada de suor.

— Meu coração. — ele canta e me abraça, e Richard nem sequer acorda. — Meu coração. Está quase na hora. Venha até mim.

— Ir para onde? — eu choro. — Diga-me e eu vou.

Mas ele está triste porque ele não deveria ter que me dizer. — Você vai saber. — ele diz com sabedoria e ele se foi, e monstros ficam no seu lugar.

Monstros pretos com olhos vermelhos. Seus dentes são brancos quando eles rangem na noite e brilham na lua e eu grito.

Eu grito e grito, me contorço e gemo, e Richard nunca acorda.

A minha mãe vem, no entanto, na parte da manhã.

— Eu ouvi você gritando. — ela me diz, e eu não pergunto como. Conhecendo-a, ela sentiu em seus ossos.

Ela coloca a mão na minha barriga inchada e sua boca desenha um sorriso retorcido. — Está quase na hora. — ela acena. — Isso está quase no fim.

Eu torço para longe do seu toque porque eu não posso confiar nela agora. Eu a amo e ela me ama, mas eu não posso confiar nela para fazer o que é certo por mim. Ela é regida pelas histórias, por suas crenças, pelo que ela acha que é o destino.

— Não existe tal coisa como destino. — eu digo a ela. — Suas histórias não são reais, mãe. A única coisa que é real somos nós. Nossos filhos, nossas vidas. Nós determinamos o que é real.

Ela olha para mim séria e murmura baixinho: — Você nem sabe mais o que é real, Olivia. Esse é o problema.

Eu tenho que concordar, mas eu não digo em voz alta. Eu não sei mais o que é real.

É este lugar.

É Whitley.

Ou é a minha gravidez.

Ou é a Inglaterra.

Ou é o ar.

Ou são meus sonhos.

Eu não sei o que é. Mas eu sei que a minha mente está se deteriorando e eu estou flutuando, a insanidade é o mar e estou naufragando nele, completamente sozinha e flutuando e afundando.

— Eu não vou afundar. — digo a mim conforme lavo meu rosto, e enquanto faço isso, minha barriga dá uma pontada e a dor é real. Se nada mais é, a dor é.

A dor é.

A dor é.

Eu quase me regozijo nela, e eu afundo de joelhos e experimento-a, focando nela, conforme contrai para lá e para cá, da

minha espinha para o meu peito.

Eu gemo, eu anseio, eu flutuo.

Eu prendo minha barriga em meus braços e canto para ela.

Eu choro e embalo,

Eu suspiro e afundo no chão,

Meu rosto pressionado contra a pedra.

A dor me dilacera, leva-me, quebra-me.

Eu vejo os seres negros, e eles estão me circulando, esperando.

Esperando

esperando.

— Não. — eu guincho e atiro meus braços para longe e largamente. — Não. Vocês não podem ter o meu bebê e vocês não podem me ter.

Eles sorriem, porém, com presas e sangue, e eu fecho meus olhos, flutuando sobre a minha dor. Phillip está aqui agora e ele segura minha mão e canta para mim, sua voz cantarolando no meu ouvido, e é sem palavras e sem melodia e ele cheira como a lua.

— Salve-me. — eu digo a ele, eu imploro.

Seus olhos são pretos e suaves, brilhando como pérolas escuras e eu quero acariciá-lo.

— Salve-me, e eu vou salvá-la. — ele diz, e suas mãos estão nas minhas costas, esfregando, friccionando.

— Salve nosso filho. — eu imploro e suas palavras são confusas. — O que for preciso.

Ele olha para mim, e seu olhar é nítido e dissonante. — O que for preciso?

— Sim. — eu grito quando outra dor me dilacera e me rasga. — Sim.

Phillip me segura e me embala e minha mãe vem e ela se mistura dentro e fora com a noite, com a realidade, com a minha dor.

— Nós temos que pagar pelos pecados dos nossos pais. — ela murmura, e é algo que ela me disse muitas vezes antes. — Pense, Olivia. Pense.

Mas a dor,

A dor.

Ela entorpece os meus pensamentos, e tudo que eu posso pensar é nela. A dor.

— Pense. — ela me pede novamente. — Com quem a grande Salomé casou, Liv? Você sabe disso. Pense sobre isso. Pense sobre isso.

O preto escoia dentro das minhas pálpebras e ele fica vermelho, e forma as palavras na minha mente, mas eu não posso lê-las, eu não consigo lê-las. Eu tento e tento.

Eu me concentro

E concentro.

— Phillip. — eu finalmente consigo. — Salomé se casou com um Phillip.

Minha mãe senta de novo, satisfeita. — Sim. Ela se casou com um Phillip. Seu tio Phillip.

Estou espantada e minha dor vai e eu posso pensar por um momento.

— Não o *meu* Phillip. — digo a ela. — Isso é impossível.

— É? — ela pergunta. — Filhos devem pagar pelos pecados dos seus pais.

A dor retorna e eu não consigo pensar mais, e todos os pensamentos se afastam. Phillip volta, e ele murmura no meu ouvido.

— Meu amor, minha Salomé. Isso vai acabar logo.

— Eu não sou Salomé. — eu digo a ele, e seus olhos lampejam e brilham. — Eu não sou Salomé.

— Você não é? — ele pergunta simplesmente e eu agarro minha barriga e está na hora, está na hora, está na hora. A pressão é demais para suportar e as minhas pernas separam e minha barriga contrai, contrai, contrai.

Eu grito

Grito e empurro

E empurro.

Eu sinto meu bebê vindo

Vindo

Vindo.

Ele arranha seu caminho para o mundo, deslizando para a luz, e eu empurro, empurro, empurro.

Ele chora em um grande soluço quando entra nesta vida, e eu choro, porque ele está aqui, porque eu consegui, porque eu não sei o que vai acontecer agora.

Ele deita no meu peito e ele olha para mim, e ele está sangrento e vermelho e os olhos são pretos, negros como a noite.

Negros como os de Phillip.

Phillip olha para mim, com a mão sobre o peito do seu bebê, e ele sorri.

— Minha Salomé. — ele canta, e o mundo escurece,

porque a dor

a dor

a dor me quebrou.

Capítulo Nove

Uma vez, em uma terra e tempo distantes, um homem, Judas Iscariotes, um traidor de todos os homens, habitou. Judas tinha um amigo, o Salvador do mundo, e ele traiu o Salvador com um beijo, por um mero punhado de prata. Trinta peças simples foi o suficiente para ele trair a humanidade. A culpa superou Judas, e ele se matou, mas não antes da sua traição infame.

Salomé localizou uma das peças de prata e a transformou em um anel para simbolizar seu poder de influenciar os homens, o seu poder para fazer o que quisesse, seu poder para controlar até mesmo a morte. Ela usou o anel até que morreu, e depois foi passado para seu filho, e seu filho, e seu filho, e assim por diante.

Ela se chamava a filha da morte, e ela usava seu anel com orgulho.

Aquele anel é meu agora,

E do meu filho,

E do filho dele,

E assim por diante.

É no meio da noite, quando eu abro meus olhos, e Richard não está no meu quarto. Os lampejos da lareira e as chamas dobram na

pedra, e eu sinto como se já estive aqui antes. Minha mãe senta ao meu lado e ela balança e balança, com as mãos cheias com dois pacotes.

Dois.

Meus olhos arregalam, mas a minha visão é turva e eu sinto que eu estou deslizando, deslizando, deslizando.

— Você deve escolher, Olivia. — ela diz, e suas palavras torcem e viram. — Você tem que dar algo para ganhar algo.

— Eu não entendo. — eu digo tonta, e acho que fui drogada ou estou louca. Os pacotes em seu colo se contorcem e choram, e pequenos punhos levantam no ar.

— Você entende. — minha mãe fala e ela está certa, eu acho que entendo.

Há dois, e eu não posso ficar com ambos. Eu sei disso desde que eu era pequena. Dançaria a dança de Salomé, e eu escolheria.

Assim foi escrito,

Assim será.

Eu fecho meus olhos e abro-os, e então eu aponto.

Eu escolho.

Minha mãe me entrega um pacote e leva o que eu aponte para longe, desaparecendo nas sombras. Eu acho que ela entrega para Phillip, mas não consigo ver através da neblina.

Meu coração rasga em dois e eu não consigo respirar, então eu faço a única coisa que posso fazer para sobreviver. Eu tiro da minha cabeça, da minha mente, e eu não concentro no que vai acontecer com ele, ou mesmo em saber se é um menino ou uma menina. Eu não posso pensar nisso. Eu não posso, eu não posso, eu não posso.

Em vez disso, foco nos olhos escuros olhando para mim,

Os escuros

Olhos escuros

Que são mais negros que a noite.

— Seu nome é Adair. — eu cantarolo para ele. — Adair DuBray. E você vai me vingar, e você será filho do seu pai.

Das sombras, com os braços cheios de morte, Phillip sorri.

Os dias passam e eu definho.

Eu sonho com coisas horríveis, coisas terríveis, coisas de pesadelo.

A minha mãe vem até mim frequentemente, e ela implora meu perdão. — Tinha que ser feito, Liv. — ela me diz, e eu a odeio, eu

acho. — Eu tive que fazer isso, minha mãe teve que fazer isso, o seu filho terá de fazer isso. Nós todos temos que escolher, todos nós temos que pagar pelos pecados dos nossos pais.

De Salomé.

Lembro-me agora, uma última peça da história de Salomé. A *mãe* dela tinha arquitetado naquela noite, *a mãe dela* queria a cabeça de João Batista. Ela tinha usado as artimanhas de Salomé para obtê-la. Ela tinha usado sua filha, assim como minha mãe me usou.

— Deixe-me. — eu digo a ela, e quando eu sonho naquela noite, eu grito, mas ninguém escuta e ninguém se importa.

Meu bebê, meu lindo Adair, dorme durante as noites tão pacificamente e ele cresce e prospera, e não tem ideia do que o mundo se tornou ou quem ele é ou quem eu sou.

Eu embalo-o e canto para ele, e quando ele dorme, eu grito.

A sanidade está perdida em mim,

E eu estou perdida em um oceano.

Phillip não vem mais até mim, e sem ele, eu não entendo o ponto. Sinto falta dele, ele era o meu coração, e sem ele, eu não quero viver.

Eu me viro para suportar, no entanto. Eu como um pouco todos os dias pelo meu filho, porque eu tenho que protegê-lo deste

mundo, dos seres pretos que andam em cima dele.

Dias ainda passam porque o mundo ainda gira, e cada dia se transforma em uma semana, que se transforma em um mês, que se transforma em um ano.

É quando meu filho faz três anos que eu começo a ter sonhos vívidos do passado e do futuro.

Eu sonho com um rapaz encapuzado, e seus olhos são negros como a noite, tão negros quanto os de Phillip, tão negros quanto os do meu filho.

Eu sonho com sangue.

Eu sonho com a traição.

Eu sonho com coisas ruins, terríveis.

Eu sonho com deslealdade, traição e engano.

Eu tento contar para a minha mãe e os Savages, mas ninguém escuta, e eles acham que eu sou louca e talvez eu seja.

Laura vem me visitar um dia, e ela segura Dare em seu colo enquanto ele puxa o cabelo de fogo. — Você tem que ser forte para ele, Liv. — ela me diz, e seus olhos estão tristes e eu instintivamente sei o porquê.

— Você está indo embora, não é? — eu pergunto com tristeza e ela concorda.

— Eu não estou segura aqui. — ela me diz e eu sei que é verdade e eu choro. Ela segura minha mão e quando ela sai, eu choro novamente, porque eu sei que não vou vê-la novamente.

Mas eu estou errada.

Eu vagueio pelos corredores naquela noite,

Porque eu acho que todo mundo está dormindo.

Mas eu estou errada.

Eu viro a esquina em silêncio para a biblioteca, e o que eu vejo me sobressalta e congela, e eu pressiono minha mão à boca.

Richard e Laura estão no chão em frente à lareira, e as chamas dobram nas pedras, e o cabelo ruivo de Laura brilha enquanto Richard se move sobre ela, deslizando para dentro dela. Suas mãos estão agarrando suas costas e as juntas dos seus dedos estão brancas, mas ela não luta com ele. Suas pernas pálidas estão moles e ela está flácida e Richard é como um animal que a assola, mas ela não luta.

Os olhos dela encontram os meus e ela não tem medo.

Ela está aceitando seu destino,

Como eu devo aceitar meu.

— Um por um por um. — ela sussurra e ela está sussurrando para mim, e ninguém pode ouvi-la, exceto eu.

Eleanor está nas sombras, observando essa coisa abominável, não natural, e minha mãe está com ela, a mão no braço de Eleanor. Elas estão cercadas em uma névoa e isto é um sonho?

Eu não sei.

Eu não sei.

Eu não sei.

Tudo que eu sei é que, na parte da manhã, quando acordo, Laura foi embora, ela fugiu de Whitley e eu não posso culpá-la. Eu fugiria também, se eu pudesse.

Meus sonhos persistem e eu sonho com o Sr. Savage.

Ele me chama de sua filha.

Mas isso não pode estar certo. Se ele é meu pai, então eu sou meia-irmã de Laura. E meia-irmã de Richard. Mas, então, o Sr. Savage salta dos penhascos e eu não sei o que é real, tudo o que eu sei é que eu sonho mais e mais e mais. Quando pergunto à minha mãe, tudo o que ela fala é que *nossos filhos devem pagar pelos pecados dos seus pais*.

Meus sonhos continuam

E continuam

E continuam,

Até

Um

Dia,

Eu sonho com algo diferente.

Em vez de Salomé ou Phillip, eu sonho com o traidor, eu sonho com Judas. Eu vejo seus lábios se movendo, eu vejo-o beijar o Salvador do mundo, vejo-o deslizar para a multidão após a ação acabar. Seu rosto está horrorizado com suas próprias ações, mas isso não o impediu de fazer.

Sua única ação, sua única traição, condenou o Salvador do mundo a morrer.

Noite após noite, eu sonho com isso, e noite após noite, eu me esforço para chegar até ele, para tentar impedi-lo de prosseguir com o beijo que condenou o mundo. Noite após noite, eu falho, porque suas ações foram escritas no destino, parte de um plano maior do que ele ou eu.

Ele estava condenado desde o início, condenado a desempenhar um papel traiçoeiro.

Meus sonhos repetem

E repetem

E repetem, me atormentando até os gritos,

Soluços.

Mas uma noite,

Eu percebo algo que não tinha notado antes, porque eu estive tão distraída na tentativa de evitar sua traição. Meu sangue esfria nas minhas veias quando percebo e faço a conexão, e eu afundo, afundo, afundo em um abismo negro de tristeza.

O cabelo do Judas é tão vermelho quanto chamas.

Tão vermelho como sangue.

Tão vermelho como o de Laura.

*Continua...*